



Amélia Pinto Pais



FERNANDO PESSOA, O MENINO DA SUA MÃE

ilustrações
Mariana Newlands



Copyright © 2007 by Amélia Pinto Pais
Direitos mundiais reservados para Ambar
Copyright das ilustrações © 2009 by Mariana Newlands

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original: Fernando Pessoa, o menino da sua mãe

Capa e projeto gráfico: Mariana Newlands

Assistente de design: Isabel Leite

Composição: Lilian Mitsunaga

Preparação: Silvia Massimini Felix

Revisão: Ana Luiza Couto e Ana Maria Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Pais, Amélia Pinto
Fernando Pessoa, o menino da sua mãe / Amélia Pinto
Pais ; ilustrações Mariana Newlands. – São Paulo : Companhia
das Letras, 2009.

ISBN 978-85-359-1389-7

1. Pessoa, Fernando, 1888-1935 2. Poetas portugueses —
Literatura infanto-juvenil 1. Newlands, Mariana. II. Título

08-12052

CDB-028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Pessoa, Fernando : Literatura infanto-juvenil 028.5

[2009]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORAS SCHWARZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

*Este livro é dedicado a todos os meninos
— e, em particular, ao coletivo Ananda
e à sua professora Daniela Tomio.*

Eles sabem por quê.

SUMÁRIO

Parte I: **QUEM ME DIRÁ QUEM SOU?** 11

Capítulo 1	13
Capítulo 2	23
Capítulo 3	36
Capítulo 4	43

Parte II: **POEMAS MEUS E DOS MEUS HETERÔNIMOS** 53

POEMAS QUE ASSINEI COMO FERNANDO PESSOA 54

APRESENTAÇÃO E POEMAS DOS MEUS HETERÔNIMOS	82
Alberto Caeiro	84
Álvaro de Campos	96
Ricardo Reis	104
Bernardo Soares	108
<i>O marinheiro</i> (fragmentos)	111

Anexos 115

Parabéns, Fernando Pessoa!	115
Meus 72 nomes	119

Sobre a autora	123
Sobre a ilustradora	125

Parte I

QUEM ME DIRÁ QUEM SOU?



1.

O meu nome é muitos.

Ou seja, na verdade eu nasci em Lisboa (oh, Lisboa, meu lar!), numa casa em frente ao Teatro de São Carlos, num dia 13 de junho (de 1888) — data em que é feriado na minha terra e se celebra Santo António, o primeiro dos três santos populares portugueses. Dizem ainda que é casamenteiro das moças, apesar de, entre as velhas, ter essa fama (e não sei se proveito também) São Gonçalo de Amarante — terra daquele que foi um dos meus amigos, o pintor Amadeo de Souza Cardoso. Deram-me então o nome do santo — Fernando António (o nome civil: Fernando; e o nome que ele escolheu quando se tornou frade e, depois, santo: António). E assim passei a me chamar Fernando António Nogueira Pessoa. É esse meu nome de batismo e registro, como consta dos meus documentos civis e do registro de batismo. Mas me inventei outros nomes depois (uns 72 — que você pode conhecer na p. 118 deste livro), com os quais assinei meus escritos. Contudo, falarei de como isso foi acontecendo mais para a frente.

Minha mãe era açoriana; meu pai era de Lisboa e crítico

musical. Penso que meus primeiros anos foram felizes — até que meu pai morreu e, pouco tempo depois, um irmãozinho mais novo. Fiquei em companhia da minha querida mãe e das tias e avós. E restou o gosto pela música, que certamente herdei do meu pai. Ainda lembro, muitas vezes, e emocionado, da música da minha infância — a que eu ouvia dos sinos das igrejas ali perto, como a Igreja dos Mártires, aquela dos ecos vindos de São Carlos, as cantilenas infantis que minhas tias cantavam e que mais tarde eu evoquei num dos meus grandes poemas, a “Ode marítima” (que assinei com o nome de Álvaro de Campos):

*Minha velha tia costumava adormecer-me cantando-me
(Se bem que eu fosse já crescido demais para isso)...
Lembro-me e as lágrimas caem sobre o meu coração
e lavam-no da vida,
E ergue-se uma leve brisa marítima dentro de mim.
Às vezes ela cantava a “Nau Catrineta”:*

Lá vai a Nau Catrineta
Por sobre as águas do mar...

*E outras vezes, numa melodia muito saudosa e tão medieval,
Era a “Bela Infanta” ...
[...]*

Era a “Bela Infanta”... Eu fechava os olhos e ela cantava:

Estando a Bela Infanta
No seu jardim assentada

*Eu abria um pouco os olhos e via a janela cheia de luar
E depois fechava os olhos outra vez, e em tudo isto era feliz.*

Estando a Bela Infanta
No seu jardim assentada,
Seu pente de ouro na mão,
Seus cabelos penteava...

Ó meu passado de infância, boneco que me partiram!

Ou então os ecos de uma “pobre velha música” que recordei em outro poema, este assinado por mim mesmo:

*Pobre velha música!
Não sei por que agrado,
Enche-se de lágrimas
Meu olhar parado.*

*Recordo outro ouvir-te.
Não sei se te ouvi
Nessa minha infância
Que me lembra em ti.*

*Com que ânsia tão raiva
Quero aquele outrora!
E eu era feliz? Não sei:
Fui-o outrora agora.*

Essas recordações musicais e também a minha infância marcaram — como diriam os críticos — muito do que há de melhor

na minha poesia, essa música que se faz com palavras (e emoções, tantas vezes).

Bem, mas estou quase perdendo o fio da meada...

Dizia que meu pai morreu quando eu tinha apenas cinco anos; um ano depois, morreu também meu irmãozinho mais novo. Essas perdas fizeram com que eu me ligasse cada vez mais à minha mãe. Para ela escrevi um dos meus primeiros poemas — ou talvez o primeiro mesmo —, aos sete anos:

À MINHA QUERIDA MAMÃ

*Eis-me aqui em Portugal
Nas terras onde eu nasci
Por muito que goste delas
Ainda gosto mais de ti*

E, vivendo sozinho, sem ter outras crianças com quem brincar, inventei um companheiro de conversas, aquele que foi, assim, o primeiro dos meus outros nomes (ou seja, heterônimos, que significa isto mesmo: outros nomes), como um dia contei, em carta, a um amigo:

*o meu primeiro conhecido inexistente: um certo Chevalier de Pas dos meus seis anos, por quem escrevia cartas dele a mim mesmo.
[...] Lembro-me, com menos nitidez, de uma outra figura, cujo nome já me não ocorre mas que o tinha estrangeiro também, que era, não sei em quê, um rival do Chevalier de Pas.*

Minha mãe voltou a se casar com um senhor que vivia em Durban, na África do Sul, onde era cônsul: o comandante João



Miguel Rosa. Sempre me deu bem com ele e com meus irmãos e irmãs que foram nascendo ao longo dos anos.

E assim fiz minha primeira viagem, de barco, em direção àquele país, então colônia britânica. E lá completei meus estudos primários e secundários — e em língua inglesa. Tive bons colegas, e comecei então a ganhar uma enorme admiração por autores ingleses, como Charles Dickens e seu livro *As aventuras do sr. Pickwick*, ou como aquele que eu viria a amar durante toda a minha vida, o grande William Shakespeare. Ou ainda muitos outros, como Milton, o mestre Walt Whitman, Nathaniel Hawthorne e Edgar Allan Poe, que eu depois traduzi. Mas foram esses anos de estudo na África do Sul que me tornaram bilíngue, e me fizeram escrever em inglês e em português pelo resto da vida. Foi também o inglês que me forneceu, afinal, parte do meu modo de vida futuro — como correspondente em língua inglesa de firmas comerciais lisboetas.

[E, muito seriamente, penso que um dia apenas estas duas línguas contarão no mundo: o inglês para a comunicação, os negócios, os estudos e ensaios científicos, filosóficos etc.; o português para a poesia e as emoções. Mas isso são apenas ideias e intuições minhas, é claro. E posso muito bem estar enganado, naturalmente.]

Durante o tempo em que permaneci em Durban, uma vez tive oportunidade de ir a Lisboa, de férias, em 1901 — e depois passei também pelos Açores, onde conheci melhor alguns primos, com quem escrevi um jornal caseiro, de que eu era o “senhor diretor” e no qual assinava com vários nomes, o principal deles dr. Pancrácio. Brincadeiras de crianças, é claro... Antes, já tinha escrito alguns poemas em inglês e inventado outro nome — o de Alexander Search, que escrevia, é claro, também em inglês.

Completei em Durban os estudos secundários (lá, é verdade, fui um ótimo aluno e até recebi o Queen Victoria Memorial Prize — Prêmio Rainha Vitória — num concurso a que podiam concorrer todos os alunos do Império Britânico). Esse prêmio poderia ter possibilitado minha entrada numa universidade inglesa, mas isso não aconteceu.

É que, em 1905, tinha então dezessete anos e, terminados os estudos secundários, decidi regressar definitivamente a Lisboa, a cidade que considerei sempre “meu lar”, a “Lisboa, Tejo e tudo”, como digo num poema — com a intenção de me inscrever no curso superior de Letras, que cheguei a frequentar, mas apenas por alguns meses.

Na época lia muito (sempre o fiz, na verdade) — quer autores ingleses (Worsthorne, por exemplo), quer franceses (Baudelaire, entre outros); também os filósofos alemães Nietzsche e Schopenhauer, e, naturalmente, autores portugueses. E habituei-me a admirar, na prosa, o padre António Vieira, a quem chamei mais tarde, com toda a justiça, de “imperador da língua portuguesa”, um autor do século XVII — lembro-me de me emocionar até as lágrimas ao lê-lo, pela riqueza da sua prosa e por seu ritmo musical.

E depois vieram, no âmbito dos que eu considero mestres em poesia portuguesa, Antero de Quental, açoriano como minha mãe, que me ensinou a “pensar em ritmo”; Cesário Verde, poeta de Lisboa, que me ensinou, em definitivo, a “observar em verso” e que “o ser cego não é qualidade necessária a quem faz poemas” — mesmo que meus muito amados Homero e Milton fossem cegos. Ou também Camilo Pessanha, meu contemporâneo, que me ensinou “a sentir veladamente”.

Meus pais partiram de novo para Durban, no entanto eu

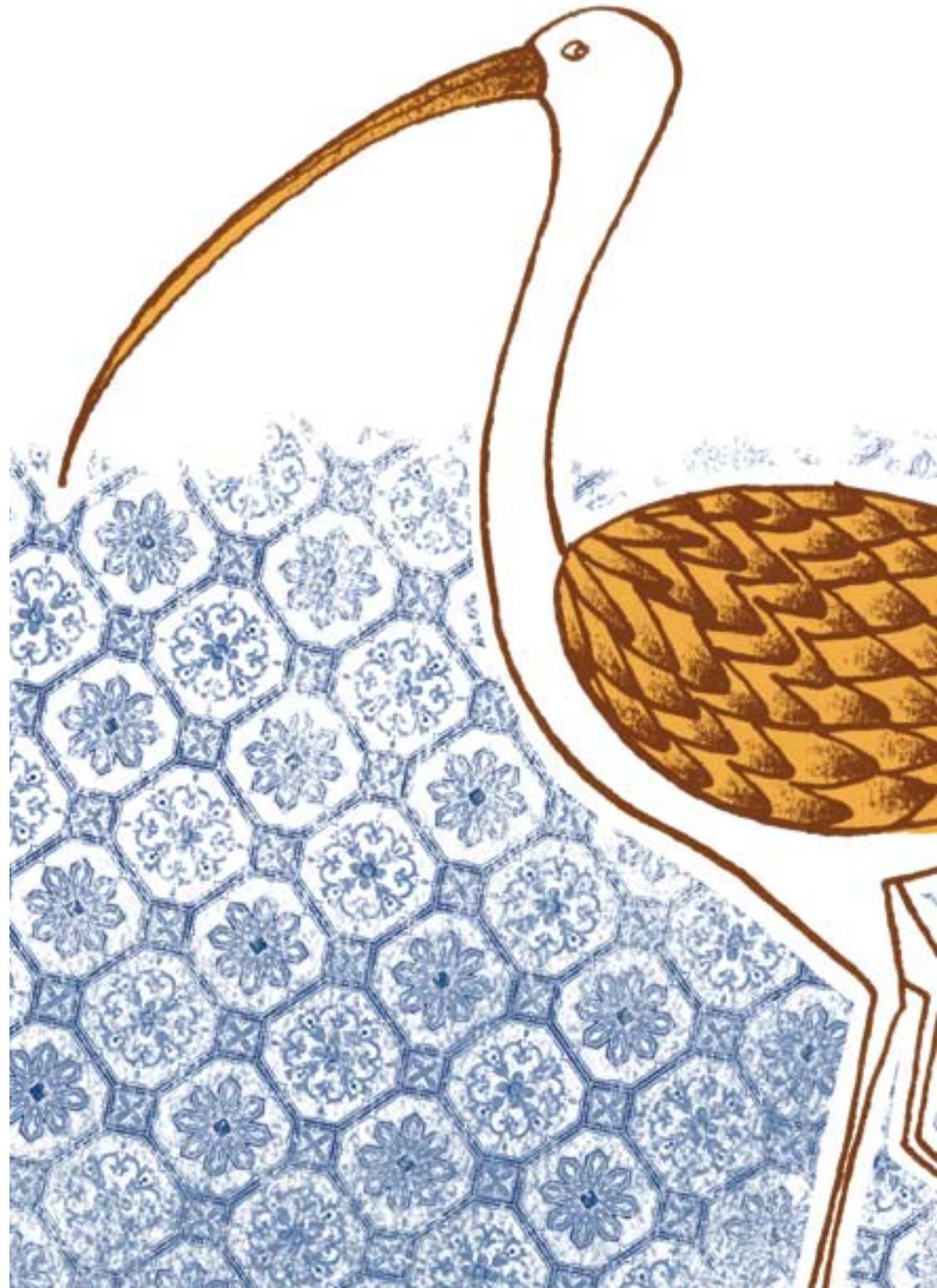
fiquei — na casa de uma avó, a avó Dionísia, e na companhia de duas tias-avós maternas, as mesmas que evoquei várias vezes, em versos assinados por Álvaro de Campos mas escritos por mim, é claro, como estes do poema “Aniversário”, em que recordo as festas dos meus anos:

*Vejo tudo outra vez com uma nitidez que me cega para o que há
aqui...
A mesa posta com mais lugares, com melhores desenhos na loiça,
com mais copos,
O aparador com muitas coisas — doces, frutas, o resto na sombra
debaixo do alçado —,
As tias velhas, os primos diferentes, e tudo era por minha causa,
No tempo em que festejavam o dia dos meus anos...*

Pouco depois, em 1907, minha avó morreu e me deixou uma pequena herança. Decidi então aplicá-la na compra, em segunda mão, do material necessário para montar uma tipografia em Lisboa, a Íbis — o íbis é um animal do Egito, uma ave, que tem o hábito de se apoiar sobre uma pata só, e eu costumava imitá-lo, por vezes em plena rua, para divertir meus sobrinhos e mais tarde minha namorada...

A tipografia, onde publiquei alguns poemas meus em inglês e outros de amigos, não durou muito — teve pouco ou nulo sucesso e faliu.

Assim, tive que me contentar com alguns empregos em *part-time* [algumas horas por dia] em diversas firmas lisboetas, como acho que já lhe disse — firmas que me queriam como correspondente em língua inglesa. Nunca quis empregos que me prendessem excessivamente, pois o que mais me interessava era mesmo



escrever, vir a ser um grande poeta, que pudesse talvez superar Camões, ser um supra-Camões e constituir, somente por mim, toda uma literatura, como escrevi por volta de 1912. Assim tive apenas pequenos empregos para sobreviver e isso me bastava.

Vivia-se, na época — e até bastante mais tarde —, um período de crise política e de ideias em Portugal. Em 1910 fora derrubada a Monarquia e implantada a República — e dois anos depois surgiu um movimento cultural liderado pelo grande poeta Teixeira de Pascoaes, que visava “fazer renascer Portugal” pelo regresso aos valores que ele e seus amigos achavam próprios da alma portuguesa. Tratava-se do movimento da Renascença Portuguesa, que tinha uma revista, a *Águia*, na qual publiquei, em 1912, meus primeiros textos em língua portuguesa — uma série de artigos sobre a moderna poesia portuguesa e suas perspectivas futuras. Eu acreditava que vinha aí um momento alto para a nossa poesia, já visível na obra de Teixeira de Pascoaes, e do qual surgiria o “supra-Camões” de que já falei (estaria pensando em mim próprio? — eu não ousava dizê-lo, mas esse era meu grande sonho...).

2.

Dizia eu que 1912 tinha sido um dos anos importantes da minha vida — eu estava então com 24 anos. Publicara na Águia meus primeiros artigos em português e tinha igualmente encontrado alguns dos que foram meus maiores amigos — meu querido e infeliz amigo Mário de Sá-Carneiro e o Almada Negreiros.

Escrevi a respeito do primeiro quando ele já era saudade há muitos anos:

Hoje, falho de ti, sou dois a sós.

[...]

*Como éramos só um, falando! Nós
Éramos como um diálogo numa alma.*

[...]

Sei que, falho de ti, estou um a sós.

Morreu jovem, esse meu amigo, em 1916. “Morrem jovens os que os deuses amam”, escrevi na época, tentando em vão